

Mauch deixa equipe econômica

Josemar Gonçalves - 4/12/98

VLADIMIR GRAMACHO

BRASÍLIA - O diretor de Fiscalização do Banco Central (BC), Cláudio Mauch, quis aproveitar o clima de mudanças para anunciar ontem sua demissão, mas acabou aumentando o nervosismo no mercado financeiro, que operava a todo vapor no meio da tarde, e provocou péssima impressão no próprio governo. Minutos depois de informar à imprensa sua decisão, tomada, segundo ele, em setembro do ano passado, Mauch foi obrigado a divulgar nota reiterando sua concordância com todas as mudanças adotadas anteontem pelo novo presidente do BC, Francisco Lopes.

Depois de ocupar por seis anos uma cadeira na diretoria do BC, Mauch assegurou ter sido motivado exclusivamente por questões pessoais. Ele negou qualquer desentendimento com Francisco Lopes - um "amigo" e "camarada" - e garantiu a saúde do sistema financeiro: "Não tem ninguém pronto para explodir".

Assim que soube das repercussões negativas sobre sua demissão, Mauch disse, em nota, que: "É um desrespeito a um funcionário público que atravessou e superou a crise vivida pelo sistema financeiro, há poucos anos, as insinuações de que estou deixando a Diretoria de Fiscalização em função de possíveis problemas existentes em quaisquer instituições financeiras. Reafirmo o caráter pessoal da minha decisão e desautorizo outras interpretações sobre minha saída".

Minutos antes, em entrevista à imprensa, Mauch já havia negado qualquer atrito com o novo presidente. "Não tenho nada a esconder, nem mantenho qualquer divergência com o Chico. Mas posso um déficit de convivência com a minha família, que buscarei recuperar", disse Mauch, num tom emocionado. Além disso, "Porto Alegre é muito longe", brincou o diretor, único no comando do BC com família fora do triângulo Brasil-Rio-São Paulo.

Cláudio Mauch disse que comuni-



Mauch: saída já estava acertada com Gustavo Franco desde setembro

cou sua decisão em setembro do ano passado, em plena crise russa, ao então presidente Gustavo Franco. Ficou acertado que o diretor esperaria um momento mais calmo para deixar o cargo. "Ontem falei com o Chico e acertamos tudo", contou o diretor, que é funcionário de carreira do Banco Central e está aposentado desde o ano passado.

"Eu não queria estar dentro de um projeto de outros quatro anos", disse o xerife da fiscalização do BC, que atravessou o mais duro processo de depuração do sistema bancário brasileiro. O diretor comandou o polêmico Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional (Proer) e foi

duramente criticado durante a CPI dos Precatórios.

No Proer, o BC usou mais de R\$ 20 bilhões em empréstimos para evitar o fechamento de grandes instituições, como o Econômico, o Nacional e o Bamerindus. No episódio dos precatórios, fechou várias corretoras e distribuidoras devido a fraudes com títulos estaduais.

"Hoje temos um conhecimento muito melhor do sistema financeiro. Acho que o Banco Central, daqui para frente, deve examinar o risco das operações porque um banco quebra quando assume muito risco", ensinou. "O sistema, agora, está saneado e capitalizado", afirmou.